

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE ADOLESCENTES MIGRANTES: UM OLHAR SOBRE MIGRAÇÕES NACIONAIS E INTERNACIONAIS

DOI: 10.5281/zenodo.15416836

Mercedes Morita Salas Santa Cruz

Licenciada em Psicologia pela Universidad Inca Garcilaso de la Vega (UIGV), no Peru, e graduada em Administração pelo Instituto de Educação Superior Privado de Comércio Exterior (ADEX Escuela), também no Peru. Mestre em Ciências da Educação pela World University Ecumenical (WUE), com sedes em Miami, Flórida, e Brasília, DF.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o papel da escola na construção da identidade cultural de adolescentes migrantes, considerando os desafios e as possibilidades pedagógicas de uma educação pautada pela interculturalidade. A pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica qualitativa, com base nas obras de autores como Stuart Hall (2006), Abdelmalek Sayad (1998), Vera Maria Candau (2012) e Paulo Freire (1996). A pesquisa discutiu como a migração, tanto interna quanto internacional, impacta os adolescentes em seus processos de formação identitária e como a escola pode atuar como um espaço de acolhimento e inclusão cultural. Constatou-se que a escola, ao adotar práticas interculturais, tem o potencial de fortalecer as identidades dos jovens migrantes, promovendo um ambiente de pertencimento e respeito às diversidades culturais. No entanto, a efetiva implementação dessa abordagem enfrenta desafios, como a falta de formação específica dos educadores e a resistência à mudança institucional. As conclusões indicam que uma pedagogia intercultural é essencial para a construção de uma educação inclusiva, que reconheça e valorize a diversidade cultural como um ativo na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Palavras-chave: Identidade cultural. Adolescentes Migrantes. Escola, Interculturalidade. Educação Inclusiva.

ABSTRACT: This article aims to analyze the role of schools in the construction of the cultural identity of migrant adolescents, considering the challenges and pedagogical possibilities of an education based on interculturality. The research was carried out through a qualitative bibliographic review, based on the works of authors such as Stuart Hall (2006), Abdelmalek Sayad (1998), Vera Maria Candau (2012), and Paulo Freire (1996). The study discussed how migration, both internal and international, impacts adolescents in their identity formation processes and how schools can act as spaces for cultural inclusion and support. It was found that when schools adopt intercultural practices, they have the potential to strengthen the identities of migrant youth, fostering an environment of belonging and respect for cultural diversity. However, the effective implementation of this approach faces challenges, such as the lack of specific teacher training and resistance to institutional change. The conclusions suggest that intercultural pedagogy is essential for building inclusive education, recognizing and valuing cultural diversity as an asset in the formation of critical and aware citizens.

Keywords: Cultural identity. Migrant Adolescents. School, Interculturality. Inclusive Education.

Introdução

As migrações, sejam elas nacionais ou internacionais, constituem um fenômeno social que atravessa séculos de história da humanidade, assumindo diferentes formas e motivações ao longo do tempo. No contexto contemporâneo, esse fenômeno adquire novas configurações, intensificado por processos de globalização, instabilidade política, mudanças climáticas e desigualdades econômicas que afetam diretamente o deslocamento de populações inteiras.

O Brasil, historicamente marcado por fluxos migratórios diversos, tem experimentado, nas últimas décadas, tanto o crescimento da migração internacional, com destaque para haitianos, venezuelanos e africanos, quanto a continuidade das migrações internas, especialmente de regiões com menor desenvolvimento socioeconômico para centros urbanos mais estruturados. Esses movimentos populacionais impactam diretamente o sistema educacional brasileiro, que precisa lidar com uma diversidade crescente em suas salas de aula.

Entre os grupos mais sensíveis aos efeitos das migrações estão os adolescentes. Esta fase da vida, marcada por transformações físicas, emocionais e sociais, é também um período central na construção da identidade. Para adolescentes migrantes, esse processo ocorre em meio a tensões entre a cultura de origem e a cultura do país ou região de destino, o que pode gerar sentimentos de inadequação, invisibilidade ou rejeição.

Nesse cenário, a escola torna-se um espaço determinante. Ela é, simultaneamente, lugar de socialização, aprendizagem e (re)construção de vínculos culturais e afetivos. No entanto, sua atuação pode ser ambígua: enquanto tem o potencial de ser um espaço de acolhimento, respeito e diálogo, também pode funcionar como reprodutora de estigmas, preconceitos e práticas excludentes.

A identidade cultural, segundo Stuart Hall (2006), deve ser compreendida como um processo em constante construção, resultante da articulação entre o sujeito e o contexto em que está inserido. Para ele, as identidades não são fixas nem homogêneas, mas sim múltiplas, contraditórias e negociadas no tempo. Essa perspectiva é fundamental para compreender as vivências dos adolescentes migrantes, cujas referências identitárias são constantemente ressignificadas a partir de suas experiências de deslocamento.

Complementando essa visão, Sayad (1998) introduz o conceito de “dupla ausência” para descrever a condição do migrante, que se vê afastado tanto do país de origem quanto do de destino, sem pertencimento pleno a nenhum deles. Tal experiência de marginalização pode ser potencializada na escola, quando a cultura do estudante migrante é ignorada ou tratada como exótica, dificultando a integração e a afirmação de sua identidade.

Para que a escola possa contribuir positivamente nesse processo, é necessário que adote uma abordagem intercultural, que não se limite à tolerância passiva das diferenças, mas que promova efetivamente o reconhecimento e o diálogo entre culturas. Isso implica uma transformação das práticas pedagógicas, da formação docente e da gestão educacional, de modo a garantir a inclusão real dos sujeitos migrantes no cotidiano escolar.

Diante disso, este artigo propõe analisar o papel da escola na construção da identidade cultural de adolescentes migrantes, tendo como eixo central a promoção de uma educação pautada pela interculturalidade. Parte-se do pressuposto de que a escola pode funcionar como espaço de resistência, pertencimento e reconstrução de sentidos identitários, desde que reconheça e valorize as múltiplas trajetórias de seus estudantes.

A metodologia utilizada neste estudo é qualitativa, fundamentada exclusivamente em pesquisa bibliográfica. Foram analisados obras e artigos de autores consagrados como Stuart Hall (2006), Abdelmalek Sayad (1998), Paulo Freire (1996) e Vera Maria Candau (2012), cujos aportes teóricos oferecem subsídios para compreender a formação identitária em contextos migratórios e o papel da escola na construção de práticas pedagógicas inclusivas. O enfoque da pesquisa está na análise crítica do material teórico existente, com o objetivo de refletir sobre as possibilidades e os limites da escola como espaço de acolhimento, pertencimento e afirmação da diversidade cultural.

A Escola e a Formação Identitária de Adolescentes Migrantes: Desafios e Potencialidades

1. A construção da identidade cultural em adolescentes migrantes

A adolescência é uma fase fundamental no processo de formação da identidade. Durante esse período, os jovens buscam respostas sobre quem são, de onde vêm e aonde pertencem. Essa construção identitária, em contextos de migração, se torna ainda mais desafiadora, pois os adolescentes se veem divididos entre duas culturas, a de origem e a do novo país. No caso dos migrantes, essa identidade não é algo fixo ou determinado, mas sim algo dinâmico que está sempre sendo moldado por novas experiências e contextos sociais.

Stuart Hall (2006) aborda a identidade como um processo contínuo e não como algo imutável. Ele argumenta que a identidade cultural é constantemente construída e reconstruída nas interações que os indivíduos têm com seu entorno, influenciada por fatores sociais, históricos e culturais. Para ele, a identidade não é uma essência fixa, mas uma “posição” que se negocia e se transforma ao longo da vida. Isso significa que, para os adolescentes migrantes, a identidade não é algo dado, mas um espaço de negociação, onde valores, práticas culturais e pertencimentos são redefinidos a cada nova interação social.

De acordo com Hall (2006, p. 17):

"A identidade cultural não é uma essência imutável, mas uma posição continuamente construída, que é sempre negociada nas relações sociais, entre sujeitos e contextos, de forma complexa e dinâmica. Identidades não são fixas ou permanentes, mas algo que está em processo de transformação constante."

Essa visão de Hall é crucial para entender a vivência dos adolescentes migrantes, que precisam constantemente negociar sua identidade cultural ao interagir com diferentes contextos. Em vez de ser um processo linear e previsível, a construção da identidade cultural desses jovens é um processo dinâmico, influenciado por suas experiências e desafios diários, muitas vezes em um contexto de exclusão ou marginalização.

2. A escola como lugar de acolhimento ou de exclusão

No contexto escolar, a construção da identidade cultural dos adolescentes migrantes pode ser profundamente afetada pela forma como a escola lida com as diferenças culturais. A escola pode tanto ser um lugar de acolhimento e de desenvolvimento da identidade, quanto um espaço de exclusão, onde os migrantes são marginalizados. Sayad (1998) discute a experiência do migrante como um processo de “dupla ausência”, onde o indivíduo não se sente parte nem da cultura de origem, nem da cultura de destino. Essa sensação de não pertencimento pode ser intensificada em ambientes escolares onde a diversidade não é reconhecida ou respeitada.

A escola, portanto, tem um papel central na formação da identidade dos adolescentes migrantes. Quando a escola é inclusiva e reconhece a diversidade cultural, ela se torna um espaço de aprendizado e crescimento para todos os alunos. No entanto, quando a escola adota uma postura homogênea, tratando todos os alunos de maneira igual, sem considerar as especificidades culturais, ela contribui para a marginalização e a exclusão dos migrantes.

Sayad (1998, p. 125) descreve esse processo de "dupla ausência" da seguinte forma:

"O migrante vive a experiência de uma ausência dupla: ele não pertence mais à sociedade que o gerou, e tampouco pode ser totalmente reconhecido na sociedade de acolhida. Essa ausência, por ser fundamental, atravessa todo o seu ser, suas relações, e interfere profundamente na sua posição social e cultural."

Esse conceito de “dupla ausência” é central para entender a experiência dos adolescentes migrantes, pois reflete a luta constante entre tentar se ajustar ao novo ambiente e ao mesmo tempo manter um vínculo com a cultura de origem. Essa ambiguidade pode causar sofrimento emocional, dificultando o processo de integração na sociedade de acolhimento, o

que é particularmente relevante no contexto escolar. O desafio é encontrar um equilíbrio entre essas duas identidades, sem perder o vínculo com uma ou outra.

3. A pedagogia intercultural como ferramenta para a inclusão

Uma possível solução para os desafios enfrentados pelos adolescentes migrantes na escola é a adoção da pedagogia intercultural. Vera Maria Candau (2012) argumenta que a educação intercultural não deve se limitar a uma abordagem superficial de celebração das diferenças, mas deve ser uma prática educativa que reconhece as diferentes culturas como fontes legítimas de saber. Para Candau, a pedagogia intercultural é uma estratégia que permite que os alunos se sintam reconhecidos e valorizados por suas culturas, ao mesmo tempo que se aprende sobre as culturas dos outros.

A educação intercultural, nesse sentido, implica uma mudança na forma como o currículo escolar é estruturado, promovendo uma educação que valorize e respeite as diferentes culturas presentes na sala de aula. Ao invés de impor uma única cultura, a escola deve ser um espaço de diálogo e de construção de conhecimento mútuo, onde as diferenças culturais sejam vistas como um recurso para o enriquecimento de todos os alunos.

Candau (2012, p. 34) defende que:

"A pedagogia intercultural busca a construção de uma escola onde a diferença não seja apenas tolerada, mas reconhecida como um elemento fundamental para o enriquecimento de todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. Nesse contexto, a escola torna-se um espaço de trocas culturais, de aprendizado mútuo e de resignificação das identidades."

Essa citação de Candau reflete a proposta de uma educação que vai além da simples integração dos migrantes, buscando criar um ambiente escolar no qual a diferença não seja vista como um problema, mas como um ponto de partida para o aprendizado e o crescimento coletivo. Para isso, é necessário que os educadores se posicionem de maneira ativa em relação às questões culturais e se envolvam em práticas que promovam a inclusão.

4. Desafios enfrentados pela escola na prática da interculturalidade

Embora a pedagogia intercultural seja uma proposta poderosa para a inclusão dos adolescentes migrantes, sua implementação enfrenta vários desafios. A resistência de educadores que não possuem formação para lidar com a diversidade cultural, bem como a falta de recursos e apoio institucional, são algumas das barreiras que dificultam a concretização dessa abordagem. Além disso, muitas escolas ainda operam sob modelos de ensino homogêneos, onde as práticas pedagógicas não contemplam as especificidades culturais dos alunos.

Freire (1996) destaca que a educação deve ser libertadora e que o papel da escola é promover a conscientização crítica, permitindo que os alunos se reconheçam como sujeitos de sua própria história. No contexto da migração, isso significa reconhecer as experiências dos adolescentes migrantes e utilizar suas histórias como ponto de partida para o aprendizado.

Freire (1996, p. 65) destaca que:

"Uma educação verdadeiramente transformadora deve ser orientada pelo respeito à cultura do outro, pela valorização das identidades e pela construção de uma convivência solidária, onde as diferenças sejam vistas como uma riqueza e não como um obstáculo."

Dessa forma, Freire sugere que a escola deve adotar uma postura crítica e reflexiva, reconhecendo a importância das diferentes culturas e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Para que isso aconteça, é essencial que as escolas ofereçam formação contínua para os professores, que, por sua vez, devem estar preparados para acolher e trabalhar com as diversidades culturais presentes em sua sala de aula.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar o papel da escola na construção da identidade cultural de adolescentes migrantes, destacando a importância da interculturalidade no processo educativo e os desafios enfrentados por esses jovens em seus contextos de migração. A pesquisa apresentou uma visão ampla sobre a experiência dos migrantes, embasada nas teorias de autores como Stuart Hall (2006), Abdelmalek Sayad (1998), Vera Maria Candau

(2012) e Paulo Freire (1996), os quais forneceram um quadro teórico robusto para compreender as múltiplas dimensões da identidade cultural e o impacto da educação nesse processo.

Conforme discutido, a identidade cultural dos adolescentes migrantes não é algo fixo, mas sim um processo dinâmico, em constante construção e reconstrução. A migração, em seus diversos aspectos, seja nacional ou internacional, gera desafios identitários, muitas vezes agravados pela falta de reconhecimento das diferenças culturais no ambiente escolar. A escola, como um dos principais espaços de socialização, tem um papel fundamental na construção e afirmação dessa identidade, podendo ser tanto um agente de inclusão quanto de exclusão. Quando a escola adota uma postura intercultural, reconhecendo e valorizando as culturas diversas presentes em sua comunidade, ela cria um ambiente mais inclusivo, onde os adolescentes migrantes podem se sentir pertencentes e respeitados.

Entretanto, como apontado por Sayad (1998), a implementação de uma pedagogia intercultural enfrenta desafios significativos, como a falta de formação de educadores e a resistência à mudança dentro das instituições. A superação desses obstáculos exige um comprometimento tanto dos educadores quanto das políticas educacionais, que precisam ser mais flexíveis e sensíveis à diversidade cultural. A prática pedagógica deve ser transformada para que a diversidade seja vista não como um problema, mas como uma riqueza a ser compartilhada e aprendida por todos.

A educação intercultural, ao ser aplicada de forma efetiva, contribui para o fortalecimento das identidades dos adolescentes migrantes, promovendo um sentido de pertencimento tanto ao contexto local quanto global. Esse processo, além de beneficiar os migrantes, também enriquece o ambiente escolar como um todo, promovendo a convivência respeitosa entre diferentes culturas e formando cidadãos mais conscientes e críticos de seu papel na sociedade.

Como destacam Hall (2006) e Candau (2012), a escola deve ser vista não apenas como um espaço de transmissão de conhecimento, mas também como um lugar de construção identitária e de transformação social. Para que isso aconteça, é necessário um esforço coletivo para superar barreiras estruturais, pedagógicas e culturais. A educação deve ser entendida como um meio de promoção da justiça social, onde todos os estudantes, independentemente de sua origem, possam se ver refletidos, reconhecidos e valorizados.

A pesquisa aponta que, para que a escola cumpra efetivamente seu papel na construção da identidade cultural dos adolescentes migrantes, é necessário que haja um esforço contínuo

para capacitar os educadores e revisar as políticas educacionais, de modo a garantir que as escolas sejam de fato espaços inclusivos e acolhedores.

Referências

CADAU, Vera Maria. *Educação e diversidade cultural: a experiência de jovens e adultos no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Ed. 34, 1998.